



Maria Luísa Soares*
luisa7soares@gmail.com

Buscar o tempo perdido de outros verões

Que é feito da alma da Terceira? Onde paira ela? Agarrem-na que faz falta, expludo eu em desconso- lo inconstante quando este verão pisei pela 1ª vez o chão da Cidade de Angra. Esta não é a Angra do Heroísmo que eu conheço. Esta não é a Cidade das minhas lembranças de verão. A luz quente que o sol espalha pela Ilha toda carrega a desolação daquilo que não acontece. Onde a música a jorras na Praça Velha, os foguetes e o sobres- salto festivo com que sacudiam a Ilha? Até o mar parece modorrento, possuído de uma birra que o faz expelir de vez em quando as águas-vivas dos nossos sustos.

Transponho as ruas da Cidade como quem busca o tempo perdido de outros verões. Falta o quê? Em pri- meiríssimo lugar, o ar festivo que as touradas geravam (refiro-me às touradas à corda, evidentemente). Tristes estes dias de verão sem o reboio delas. Gritar para as mirabolâncias do touro à corda que se debatia nas águas do Porto de Pipas, é lá coisa que se possa esquecer. Junto com o cheiro a mar, o frenesim daquelas touradas mexia connosco, excitava-nos, irmanava-nos a todos numa ale- gria muito nossa, muito de verão terçoirense. E o sabor que tinham as lapas e as donas amélias, comidas a deso- ras e por capricho, só para obedecer às leis do verão e o perpetuar dentro de nós...

Mas a Cidade está triste. Mansa e conformada, a Ci- dade destila incerteza, contenção e obediência a leis que a transcendem. A marcha das Sanjoaninas que este ano ficou por fazer, deixou um rio de inconformismo triste

por toda a Cidade. Os habituais recantos festivos desa- pareceram sem sem razão de existir. Fica ainda a pairar por algum tempo a esperança de que, sabe-se lá, talvez em futuros dias soalheiros exploda o milagre de alguma coisa boa. Por isso se ouve de vez em quando alguém di- zer nos encontros casuais de autocarro: Então, vamos à tourada? E o brilhoso desses tempos a persistir nos olhos de quem responde: Vamos, pois...

Quanto a mim, à noite para exorcizar o desconso- lo manso e modorrento dos dias, ponho-me a respirar a imensidão das lonjuras escurecidas com o ladrar dos cães em despedida birrenta e a lua lá em cima, senhora e dona de tudo cá por baixo. A verdade é que também eu ando birrenta e a culpa é do parvo deste router que comprei para ter em casa uma mísera internet: quando lhe dá na real gana apaga-se, pira-se, deixa-me isolada e cada vez mais impaciente. Ponho-me então a achar que este 2020 nos saiu uma surpresa bem reles. E faço birra para não ir à praia quando o tempo se abre em sol. Quem arrisca?, pergunto-me eu. Haja paciência para acompanhar os caprichos deste tempo açoriano. E oiço o meu vizinho que não se cansa de chamar pela Huga, uma gata que lhe anda sempre a trocar as voltas. E o ou- tro vizinho do lado que vai roendo como pode a solidão de americano recém-chegado a quem a vida pregou a partida de ficar viúvo quando menos esperava. Apregoa que tem namorada, mas deve ser namorada de part-ti- me porque vejo-o sempre sozinho. Que Deus vos ajude e

a mim também porque de momento não vislumbro aju- da de nenhum outro sítio.

Mas persisto em transpor as ruas da Cidade como quem busca o tempo perdido de outros verões. Persis- to porque afinal é verão e as sombras e o fulgor do sol pairam à minha volta numa envolveria consentida, e porque é verdade que se sente o mundo a respirar a um ritmo diferente. Escasso é o ruído dos carros. Raros os turistas. E a quase ausência de máscaras é tão refrescan- te e faz-nos esquecer o mundo infectado em que vive- mos. Toda esta gente de perna ao léu nem dá pelo bater das horas no relógio da Sé que continua a impávida-e- serena-mãe dos seus filhos terçoirenses.

Lá para os lados do Fanal, a surpresa da nova praia enquadrada em perfil de postal. Difícil resistir ao apelo de mar.

Mas adiante na minha busca do sabor antigo de ou- tros verões. Deparo com a montra de um restaurante onde me espereita uma talhada de melancia e não resisto, tamanha é a sede e a minha vontade de saborear o verão. Que outro sabor a verão senão trincar uma talhada de melancia quando se tem sede?, digam-me. Sento-me na esplanada. Por cima de mim, as nuvens imparáveis e ca- prichosas, reflectem-se no mar pasmado: que propósito o destas nuvens sempre a mudar de forma?, que mundos para além delas?, que outros seres ainda por descobrir?

No verão: ser nuvem no céu dos Açores.

*Escritora



Eurico Mendes

E se Trump morrer, o que irá acontecer?

Para muitos americanos, a pandemia de coronavírus começou na noite de 11 de março: os atores Tom Hanks e sua esposa, Rita Wilson, anunciaram que haviam contraído o vírus na Austrália, o presidente Donald Trump dirigiu-se ao país e anunciou a proibição da entrada nos Estados Unidos de estrangeiros de muitos países euro- peus e a NBA suspendeu a sua temporada.

Oito meses depois, a notícia de que Trump e a primeira- dama Melania Trump contraíram o vírus causou preocu- pação de muitos que já não levavam a pandemia a sério.

Talvez por causa da crise económica provocada pela crise sanitária, Trump politizou o coronavírus e, desde o início, procurou substituir a pandemia dizendo que desapareceria tudo em 30 dias.

A relutância do presidente em levar a sério a pandemia contribuiu para que já tivessem sido infectados 7,4 milhões de americanos e mais de 212 mil já tivessem morrido.

Agora o próprio Trump está doente, testou positivo na noite de 1 de outubro e no dia seguinte deu entrada no Centro Médico Militar Nacional Walter Reed, em Bethesda, Maryland.

É considerado paciente de risco dado contar 74 anos e pesar 110 quilos, fatores que podem aumentar o risco na evolução do seu diagnóstico uma vez que 86% dos

mortos pelo vírus têm mais de 70 anos.

No caso hipotético de Trump estar gravemente do- ente muita gente pergunta o que acontecerá. Se a saúde de Trump piorar, a Vigésima Quinta Emenda à Consti- tuição prevê que o presidente ceda temporariamente o comando do país ao seu número dois, hipótese que não era levantada desde 2007. Nesse caso, o vice-presidente Mike Pence assumiria o poder, até que o presidente re- cuperasse.

Os fundadores dos Estados Unidos, ao redigir a Constituição, já levavam em conta esse cenário.

O artigo II, primeira seção, parágrafo 5o, estipula que, em caso de falecimento, renúncia ou impedimento do presidente, o vice-presidente ocupará a presidência até à realização das próximas eleições.

Esta solução também é contemplada se for afastado do cargo por meio de um julgamento político (impeach- ment).

Quanto ao tipo de poder do sucessor do presidente, foi acrescentada outra emenda à Constituição estabelecendo que o vice-presidente assumisse a presidência com plenos direitos, e também ficou claro - havia dúvidas - que teria o direito, posteriormente, de se candidatar à sucessão na Casa Branca.

No caso de impedimento do vice-presidente (pode

também apanhar o vírus) a Constituição estabelece que a presidência seja entregue ao presidente da Câmara dos Representantes e, por impedimento deste, ao presidente do Senado.

E o que acontece se todos eles também saírem, mor- rerem ou forem desqualificados para a presidência? Os membros do governo é que assumiriam a presidência, a começar pelo secretário de Estado (o cargo mais antigo), até ao secretário de Segurança Nacional (o mais recente- mente criado).

Mas Trump continuou em funções no hospital mi- litar de Bethesda, que dispõe de uma suíte presidencial com vários gabinetes. Contudo, Mike Pence tem estado de prevenção na residência oficial do vice-presidente em Washington (Number One Observatory Circle) para as- sumir funções caso seja necessário e nem que seja apenas por algumas horas.

O último presidente a invocar essa opção foi George W. Bush, em duas ocasiões. Em 2002, deu poderes a Dick Cheney por pouco mais de duas horas e repetiu em 2007 em circunstâncias e tempos semelhantes. Na realidade, Bush teve que ser adormecido para realizar colo- noscopias e era preciso que alguém ficasse acordado na Casa Branca. Era um simples problema de tripas, mas alguém tinha que comandar as tropas.